

A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE:

Dentro e fóra da capital:
23000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

NUMERO AVULSO

Do dia 100 rs.; atrasado
200 rs.

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

Não se restituem originaes, embora não publicados.

SUMMARIO

Historia dos sete dias — Julio Ribeiro, *Valentim Magalhães* — Iluminuras, *Julia Lopes* — Epilogo das Aspasias, soneto, *Luiz Delfino* — Politica e politicos, *Peit Pitt* — A' uma hora da manhã, *Gaspar da Silva* — Causa ignota, soneto, *Filinto d'Almeida* — Bolos, *Chico Férula* — Traducções litteraes e fóra da letra, *lynobus* — Cochilos, *Dominó preto* — Pazar, soneto, *Alfredo de Souza* — Theatros — Mattos, Malta ou Matta? (Novas revolações) — Tratos á bola, *D. Pastel* — Cartas sertanejas, *Julio Ribeiro* — Escaravolho — Consultas — Recebemos — Correio — Factos diversos — Anuncios.

A SEMANA

Rio, 14 de Março de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Foi uma semana de aberturas, se nos permittem a expressão.

Queremos dizer que foram sete dias de inaugurações, de estréas, de iniciamentos e de primeiras representações.

Novas peças, novos scenarios, novos actores.

Tudo novidade, á excepção das velharias... envernizadas de novo.

Começaremos pelo principio, por não nos ser possível principiar pelo fim para acabar logo... no principio.

Infelizmente o que mais se deseja é exactamente o que menos se alcança.

Resignemo-nos, e façamos passar a primeira d'este rosario de novidades pelo fio da chronica.

Extinguiu-se a guarda urbana. Está morto o *morcego*, essa ave noctambula, sinistra e pandega, sanguisedenta e covarde....

Basta. Não descomponhamos os defunctos. Fora pouco generoso e nada christão.

E' innegavel que este grande serviço feito á ordem e a moralidade publica é principalmente devido ao Sr. conselheiro Tito de Mattos, o pirronico e assomado ex-chefe de policia, que em seu ultimo relatório deixou claramente provada a urgentissima necessidade de mandar a guarda urbana á Praia Grande ver se estava por lá o Castro Malta, mas com ordem de não voltar sem elle.

Quando outro titulo não tivesse o actual ministro do imperio á benevolencia e á sympathia de Dona Historia, seria sufficiente o de haver acabado com a guarda urbana.

No dia 12 — dia em que o *Diario Official* publicou o novo regulamento para o corpo militar de policia da côrte, — foi substituido o pessoal da extincta guarda urbana pelas praças e officiaes do corpo militar de policia. Os commandantes da guarda urbana e do corpo militar de policia *deitaram* ordens do dia, muito solemnes e todas cheias de *massadas* e *circumstancias*. Aquelle, despedindo-se

dos seus homens, diz que « se desvanee e dá parabens á fortuna por ter commandado um corpo composto de tão dignos cidadãos, cujos serviços á causa publica não poden ser olvidados. » E mais ainda:

« As imputações desfavoraveis que se tem feito a este corpo não conseguem suffocar na consciencia d'este commando uma justa revolta, porque ellas não têm sido justas, porque ellas saltam por cima de tantos actos de dedicação, probidade e heroismo, praticados pelo pessoal d'este corpo, cuja historia subsistirá muda no respectivo archivo, até que o tempo, juiz austero e sempre seguro, confirme a sua condemnação ou proclame a sua absolvição. »

Como *falla* bem o Sr. major Noltenio! Segundo a sua rethorica, aqeccida pela commoção de um mandado de despejo, os urbanos são, quer dizer: eram uns benemeritos, e praticaram innumeros actos inolvidaveis de dedicação, probidade e heroismo e o corpo de urbanos ao ser extinto estava « expurgado de todos os elementos maus. »

E, entretanto, o governo perfidamente, com clamorissima injustiça... *peft!*... atirou a *urbanada* ao olho da rua!

O que vale á verdade é que não é o Sr. major Noltenio quem escreve a historia!

Agora, que os *morcegas* bateram a linda plumagem e que temos gente nova e nova organização para o policiamento d'esta cidade heroica que tomamos a liberdade de chamar *Capoeiropolis*, — se o Sr. major Noltenio nos dá licença... — agora acreditamos que não haverá mais *Maltas* (nem Castros, nem de capoeiras), e que não se dará mais occasião a que um digno delegado policial consigne em relatório a *desidia* e o *relaxamento* e o *descuido* da repartição da policia.

E a proposito: — Ninguem será responsável por esse criminoso relaxamento que deu causa á morte de um homem?

Felix... patria!

Reorganizado, o corpo militar de policia se comporá de 8 companhias, sendo 2 de cavallaria e 6 de infantaria, e comportará a força de 1008 homens e 182 cavallos, assim distribuidos; estado maior e menor, 14 homens e 10 cavallos; 2 companhias de cavallaria, 172 homens e 172 cavallos; 6 companhias de infantaria, 822 homens.

Esse pessoal, com severa disciplina e vigilancia activa e constante, sem o systema da *capa*, que celebrizou a extincta policia marca barbante, será sufficiente para que a *Capoeiropolis* possa merecer o nome de cidade pacifica, ordeira e decente.

O facto de haverem sido transferidos para o corpo policial os commandantes da fallecida guarda urbana, com preterição de muitos officiaes do exercito que andam por ali desaproveitados, em es-

tado de pobreza e de malandrice, não foi acto digno de louvor.

Muito pelo contrario. Mas enfim... o que está feito está feito.

Saiba o corpo militar de policia substituir a contento geral o guarda urbano (o Diabo lhe falle n'alma!) que segundo a letra de uma cançoneta muito conhecida « não era paisano nem militar. »

Amen!

No dia 8 — abertura solemne do Parlamento. Fala do throno chôcha, banal, fraquinha, insignificante como de costume. Reduzimol-a a estylo telegraphico para poupar espaço e... paciencia.

Por esta fórma é que S. M. a devia ter lido. « Augustos representantes nação. Reunião assembléa desperta esperanças objecto sessão. Amada filha presado genro regressam viagem S. Paulo, Paraná, Santa Catharina, Rio Grande Sul.

Estado sanitario, côrte, provincias, bom como o diabo! Febre amarcellanicles! Bexiga — pouca. Cholera longe; bem bom. Sessão extraordinaria aconselhada necessidade resolver projecto julgado util governo extincção gradual escravidão nossa patria conforme desejo todos brasileiros, sacrificio menor possível.

Sabedoria vocês reconhecerá *busilis*. Estou certo vos occupareis tambem propostas fixação forças terra, mar, exame orçamento exercicio 1885 a 86 providenciando economia *andradepintina*, in spire confiança restabelecimento equilibrio entre renda e despeza publica.

Dignissimos nação! Vosso zelo causa publica afiança não poupareis diligencia cumprimento patriótico dever. Aberta sessão extraordinaria. Até logo. »

Eis a falla do throno expremida das inutilidades syntaxicas e orthographicas que a avolumavam.

S. Magestade leu-a como de costume com falso e luneta. Mas parecia surumbatico, apprehensivo, *atucanado*, como dizem os roceiros para significar que um individuo está enfiado. Teve gestos de impaciencia ao accomodar no throno e no coche a cauda e a paparia magestatica.

Ao que parece S. Magestade não vê inteiramente cor de rosa os horisontes da patria.

No dia seguinte, 9, abertura solemne da *Salinha* provincial, depois da respectiva e indispensavel missa do Espirito-Santo.

O Sr. Cezario Alvim, que é o imperador d'aquelle parlamento, abriu-o, sem papos, mas com o seu nariz de tucano, e leu a competente *Fallinha* inaugural.

Os lycurguinhos cahiram já na rethorica nichtheroyense como patinhos na agua. E patinhando continuarão até que o Sr. D. Pedro da Praia Grande haja por bem fechar a *Salinha*. E chova subsidio!

Bem avisado andou o governo agra-
ciando varios artistas nossos, dos que
mais se distinguiram na exposiçao de
bellas artes.

Bem sabemos que com a commenda
ou com o habito da Rosa não se põe a
panella no fogo; mas taes honrarias
dadas por serviços prestados ás artes,
como ás letras, tomam um novo caracte-
r de distincção que as não deixa confun-
dir-se com os *crachás* prodigamente
distribuidos aos toucinheiros dinheirosos
e aos boças de influencia. Estes com-
mendadores representam vinho de outra
pipa.

Comprimentamol-os.

No Sant'Anna e no Recreio Dramatico
duas *primeiras*:—a da *Cocota* e a d'As
meninas Godin.

Duas deliciosas *primeiras*.

Para mais informações—á secção *Thea-*
tros.

Foi isso o que houve de mais impor-
tante nos sete dias decorridos e histo-
riados aqui muito pela rama.

Semana de poucas cousas, mas todas
novas, ou fazendo-se de *novas*.

Antes isso.

JULIO RIBEIRO

«O homem que sabe ser-
vir-se da penna, que pôde
publicar o que escreve e que
não diga seus compatriotas
o que entende ser a verdade,
deixa de cumprir um dever,
commette o crime de covardia,
é máu cidadão.»

JULIO RIBEIRO

(*Cartas sertanejas*; II; *Diario Mercantil*, 6 d. Março de 1885.)

E' muito conhecido já, embora não
tanto quanto merece, o nome que encima
este artigo ligeiro, mais de profraças do
que de critica.

O seu bello romance historico, eru-
dicto e finalmente litterario—*Padre Belchior de Pontes*, publicado em Campi-
nas ha nove annos, foi um bello *suc-*
cesso. Dessa edição poucos exemplares
hoje se encontram. O proprio author o
confessa no prefacio:—«A imprensa
paulista quasi em peso, folhas da côrte
e de varias provincias, escriptores de
merito reconhecido levantaram *una*
voce a obrinha, exaltaram-na, glorifica-
ram-na.»

Não fosse de politicos e de analpha-
betos este paiz, e da penna que escreveu
Padre Belchior teriam promanado ou-
tros muitos livros igualmente bellos,
senão muito mais valiosos.

A outra obra de Julio Ribeiro, que lhe
fez solida e respeitavel a reputação de
estudioso e reformador, é a sua estima-
dissima *Grammatica*, que em Portugal
como no Brazil, é considerada a mais
scientific e racional em face dos actuaes
progressos da glottica e dos estudos
antrophologicos e linguísticos, e talvez
sem pár em ambos os paizes.

Na opinião authorisadissima de Theo-
philo Braga é a melhor grammatica da
lingua portugueza, das publicadas até
hoje.

Como philologo e romancista de pri-
meira plana, era até aqui conhecido e
reputado o valente escriptor «mineiro
por nascimento, paulista por criação.»

Terceira face do seu multiplo talento
acaba de se nos revelar, erguendo logo
ás primeiras fulgurações um côro de
applausos, um marulho de admiração,
eguaes aos que saudaram o romancista
e o philologo.

Refiro-me ás *Cartas sertanejas*, cuja
publicação acaba o illustre escriptor de
encetar no *Diario Mercantil*—esse mag-
nifico jornal que de provinciano não tem
nada e de jornal da corte—quasi tudo.

Para que melhor se ajuize do genero
e do valor desses artigos, publicamos em
outro lugar d'esta folha, o primeiro
delles, que é o programma das *Cartas*
sertanejas.

Era de um homem d'esses que esta-
vamos sentindo falta. De um observa-
dor recto e inabalavel, imparcial e se-
reno, de um critico independente e li-
berrimo, sem gargalheiras partidarias
nem atilhos de pequeninas convenien-
cias; de um corajoso até á insolencia,
de um justo até á crueldade, de um sin-
cero até á grosseria; de um escriptor
que escrevesse «por civismo»—é que de
lia muito necessitavamos.

Eil-o que chega. Bemvido seja!

Em meio ao monotono concerto de
louvaminhas e lóas apologeticas, irri-
tantes á força de serem harmonicas, fal-
sas, hypocritas, interesseiras, de uma
baixesa sordida e de uma banalidade
narcotica—a voz de Julio Ribeiro, clara,
alt'ona, metallica, vibra e estala no ar,
como a lingua de um rêlho; esburaca e
alanha os ventres lusidios e indecentes
dos Interesses e das Conveniencias, obri-
gando-os a esvasiarem-se, com descargas
fétidas, do entulho de covardia e de
manha, de ganancia e de tartufice que
os abarrotava.

Julio Ribeiro não aspira, não ambi-
ciona, não pretende, não pede; não é
candidato a cousa nenhuma.

Qualidade espantosa e rara!

Quer continuar a ser o que tem sido.
Consequentemente escreve «para satis-
fazer a sua propria actividade.» escreve
«por civismo;» pouco se lhe impor-
tando que os seus escriptos agradem ou
não agradem a todos os habitantes do
mundo—á excepção de um unico—que é
elle.

Julio Ribeiro escreve para contentar-se
e satisfazer-se a elle mesmo, e, portanto,
desde que os seus artigos agradam a
Julio Ribeiro—nada mais deseja.

Na segunda *carta* estudou os dois depu-
tados republicanos eleitos por S. Paulo.
—E' uma diatribel é um pasquim
diffamatorio! é uma verrina! berrarão,
assanhadissimas, as hypocrisias e as
conveniencias.

—Não, minhas senhoras; responde-
lhes a Verdade:—E' uma disseção, é
uma autopsia; é um trabalho de ana-
tomia social.

Continúe Julio Ribeiro, deixando ber-
rar quem berra.

O pulso é firme, a vontade inabolavel,
a «a arma terrivel, brutal como o aço,
mas forte como elle:—a sinceridade.»

Ávante, pois!

Permitta, emtanto, o poderoso escriptor
que de longe o interrompa por um in-
stante, para apertar-lhe vigorosamente
e alegremente a mão honrada e athletica,
um collega humillimo e um companheiro
de batalha dos mais fracos, mas não dos
menos resolutos.

E, como em campanha ao partir para
o combate, á frente da barraca, dir-lhe-
hei sacudindo-lhe fraternalmente a mão:
—Bom dia, camarada! Vamos a isso!

VALENTIM MAGALHÃES.

ILLUMINURAS

OS POMBOS

Perto, arrulhava amorosamente um
casal de pombinhos; voavam além, na
altura, as andorinhas.

Vendo-as, dizia um noivo á sua noiva:

—Repara, minha vida, que tanto poder o
do amor! Quem não respeitará este casal

sereno, tão confladamente feliz? Eu por
mim, se fosse caçador, passaria junto
d'elle bem devagarinho, para o não per-
turbar no seu enlevo; e no emtanto, ati-
raria sem pena a qualquer d'aquellas
pobresinhas que lá estão no espaço
crendo-se em liberdade.

—Se eu fosse ave... interrompeu ella.

Mas elle, sem a deixar concluir:

—Qual quizeras ser?

—Amando-te, como te amo? Nenhuma.

—Mas... se me não amasses?

—Impossivel!

—Mas... se eu te não amasse?

Ella então, estendendo o braço para o
céo, respondeu amargamente:

—D'aquellas!

JULIA LOPES.

EPILOGO DAS ASPÁZIAS

Quando tiver o sol da nova ideia
Largamente irrompido do horizonte:
Quando não existir mais nada d'honte,...
Quando o réu de Jesus, que já baqueia,

Rolar de vez na enchente, que se alteia;
Quando o inferno a ninguem mais amedroute,
E Belzebut galhófe com Caronte
Do novo deus, em que o universo creia...

Destas vastas e esplendidas ruinas,
D'onde não surgirão as bestas teras,
Mas hão de rir-se os niuhos e as boninas,

Inda, coroado de verbena e de heras,
Ha de o poeta—em rimas peregrinas
Cantar seu deus:—o Amor, e as primaveras

LUIZ DELFINO.

POLITICA E POLITICOS

O governo, apesar da *especie de der-*
rota (*) que soffreu com a eleição da
mesa, continua sem maior novidade em
sua importante saude.

S. Ex. tem razão em não se dar por
achado com a escaramuça do dia 11.
Falta reconhecer mais de 40 deputados,
dos quaes boa parte ha de ir engrossar
as fileiras governistas—que a fallar a
verdade estão por ora muito necessita-
das de reforço. Aos opposicionistas não
convém um recontro na arena do pro-
jecto; ora ao governo não convém ba-
talha em outro terreno que não esse. A
sessão extraordinaria foi convocada uni-
camente para resolver o gravissimo pro-
blema. Como sujeitar-se o governo a uma
derrota casual, produzida por causas
estranhas ao objecto da sessão, antes de
estarem reconhecidos todos os deputa-
dos, antes de estar a camara constituída
au grand complet?

Depois d'isso muito bem.

Se o conselheiro Dantas tivesse outro
pensamento e outro plano daria prova
de uma fraqueza e de uma inaptidão in-
compatíveis com os seus reconhecidos ti-
tulos de capacidade e perspicacia.

Esperem, portanto, os dissidentes e os
seus humildes caudatarios—os conser-
vadores, pelo momento de se verificar
com quem está o paiz:—se com elles ou se
com o conselheiro Dantas; se com
aquelles que se agarram á celebre phra-
se do Sr. Martinho Campos, como a
preguiça ao toco,—se com os que pensam
que é tempo de termos vergonha. O go-
verno conta por ora com a insignifican-

(*) Expressão do Sr. Junqueira na ses-
são do Senado de 13 do corrente.

te maioria de um ou dous votos; mas é muito de esperar que, além dos 2 republicanos, alguns dos 12 dissidentes se passem para o governo, mediante algum accordo razoavel e digno; e dos quarenta e tantos contestados mais de meia duzia sejam pelo Sr. Dantas e pelo seu projecto.

Os horisontes estão turvos; mas nelles raia uma esperança que bem póde ser a aurora do triumpho.

Esperemos, portanto, a hora do combate.

PETIT-PITT.

À UMA HORA DA MANHÃ

(BAUDELAIRE)

Emfim! Estou só!

Ouve-se de quando em quando o rodar lento de uma carruagem de praça.

Nada mais... Terei, pois, durante algumas horas o almejado silencio e, talvez, o repouso.

Emfim!

Não verei rosto humano até ao amanhecer. Posso soffrer á vontade, sem o menor constrangimento, só commigo e para mim só...

Vou, emfim! refocilar-me n'um banho de trevas!

Antes de tudo — mais uma volta á chave. Parece-me que esta volta augmenta a minha solidão, fortifica as barricadas que me separam actualmente do mundo...

Horrible vida! Cidade horrivel!

Passo a recapitular os acontecimentos do dia:

— Encontrei muitos litteratos, dos quaes um me perguntou se podia ir á Russia por terra (julga, por certo, que a Russia é uma ilha...); discuti generosamente com o director de uma revista, o qual para cada objecção tem esta resposta: — « Os homens de bem estão aqui » — o que vale dizer que os outros jornaes são redigidos por malandrins; tirei o chapéu a vinte pessoas, das quaes não conheço quinze; apertei a mão de outras tantas sem haver comprado luvax; fugindo á chuva, entrei na casa de uma dançarina que me pediu que lhe desenhasse um costume de Venus; procurei um empregario, que, depois de ouvir as minhas amabilidades e as minhas pretensões, despediu-me, dizendo: « Dirija-se a Z., o mais bronco, o mais tolo e o mais celebre de todos os meus actores; com elle talvez o meu caro amigo possa fazer alguma cousa; falle-lhe e depois veremos; » gabei-me (porque?) de muitas accções torpes que não commetti e occultei pequenas faltas, que pratiquei com praser, méras fanfarrices, perdáveis rapaziadas; recusei a um amigo um serviço facil e dei uma carta de recommendação a um velhaco...

Safa! Comprida recapitulação!...

Descontente de tudo e de mim proprio, tento necessidade de um pouco de silencio e da solidão da noite.

Tenho... para remir-me e ensoberbecer-me.

Almas d'aquelles que amei, almas d'aquelles que cautei, dae-me forças, ampara-me, desviae de mim a mentira e os nocivos vapores do mundo!

E vós, senhor meu Deus! concedei-me a graça de produzir alguns versos bons, que ire provem que eu não sou o ultimo dos homens — que não sou inferior áquelles que desprezo!...

GASPAR DA SILVA.

CAUSA IGNOTA

Toda a solercia antiga nos amores,
Que eu tinha, quando os encarava rindo,
Toda a frieza, foi de mim fugindo,
Ao ver os vossos olhos tentadores;

Agora, após os novos dissabores,
Porque me seja infenso um mal infindo,
Ando commigo mesmo desavindo,
São contra mim meus odios e furores!

E de meu mal á causa entretecendo
Vou de canções de amor, em verso ideal,
Sylvas que um dia vos darei morrendo.

E, se me nutro de paixão lethal,
Góso na propria dôr que estou soffrendo,
Porque sois vós a causa do meu mal.

Janerio, 8 de 1885.

FILINTO D'ALMEIDA.

BOLOS

O *Jornal do Commercio* veio, pelo caudo do seu folhetim de quinta-feira, repetir todas as banalidades e todas as tolices que ha cinco ou seis annos uma sucia de ineptos tem atirado sobre a obra maravilhosa de Emilio Zola.

Eu não lhe regeitarei d'aqui o venabulo da minha colera, que a não tenho, nem a lagrima salgada da dôr que me não expunge ao lel-o. Tenho por elle este sentimento tranquillo e doce da compaixão humana pelos que padecem.

Não me tendo Hippocrates ensinado a arte de purificar os corpos das affecções adquiridas ou ingentias; inteiramente baldo de recursos therapeuticos, remeto o desgraçado para o Dr. Moura Brazil, affm de que o illustre facultativo procure curar e cure a espantosa myopia intellectual do ultimo arrebetão do *Pachiderme*.

Se lhe não tapasse a vista a obtusidade cornea de que falla Eça de Queiroz, ainda eu me atreveria a esborcinar-lhe os angulos da prosa sorna e a affrouxar-lhe as estivadas dos periodos, para o enxalmar depois com demonstrações de critica comparativa, que não faço agora por me não cançar e por não tirar ao illustre ophthalmologista a gloria de uma cura difficil.

Que este momento de bonhomia me seja levado em conta pelo peccado capital de lhe ter lido as regras.

D'esta vez elle encontrará o terreno, ordinariamente duro desta secção, surribado em doces frouxeis, onde poderá descancar como n'um collo amado a gentil abobora secca, ornada de pellos negros, que lhe serve para passeiar o chapéu ao longo das ruas pasmadas.

Entre e descance das surriadas da critica incompetente e ignara, triste demonstração da decadencia das letras indigenas e da deploravel orientação jornalística dos negregados zolistas, que andam a mordiscar-lhe os folhetins, os seus queridos folhetins, especie de unhas encravadas ás quintas-feiras na pata formidavel do *Pachiderme*, onde Maximiano Pimenta, com mão prodiga, distribue a celebridade nacional aos domingos e revesa engulhos nauseantes sobre os collegas inermes ou imberbes.

Entre, rebite a perna aperaltada de futuro leão de Paris e venha ver commigo, em boa camaradagem, estes entes animados de sentimentos nobres e elevados, por quem se hade interessar quando tiver lido muito livros de Zola, visto que até agora confessa ter lido poucos.

Antes d'isso, porém, deixe-me advertil-o de que Zola procura retratar a sociedade franceza do periodo nefasto e podre do segundo imperio, onde não houve nenhum Cesar, e onde se houve

algum Napoleão, esse apenas serviu para contrastar a sua baixeza enorme com a enorme grandeza do outro que fundou a curta dymnastia dos Buonapartes. E olhe que mesmo o primeiro e mais o grande Cesar têm muito por onde se lhes pegue se um historiador imparcial lhes quizer pôr em relevo as mazellas de homens — o que não é caso para admirações, visto que o proprio Sol tem manchas e o proprio *Escaravelho* tem maçans.

Mas vamos lá ver estes personagens. Aqui tem o meu oculo d'alcance. Veja-me este Florencio do *Ventre de Paris*. Que lhe parece, hein? Vae-me dizer que um santo. Não é um santo, mas é um homem; caracter são, indole boa, cheio de aspirações de futuro prospero para a sua patria, cabeça genial de sonhador illudido, vendo atravez da gloria rubra de sangue das revoluções um ideal encantador de liberdade, de igualdade, de fraternidade. Este desgraçado é um aperfeiçoamento de João Valjean: passou por todas as miserias, soffreu todas as injustiças, padeceu a fome, o frio, a sede; foi batido por todos os vendavaes da desgraça, experimentou todas as dores e todos os infurtunios — e não succumbiu! Deu uma vez uma dentada em uma cenoura alheia e teve estremecimentos de horror por isso. Mas não roubou como Valjean a moeda da criança nem os castiões do bispo. Agora repare no meio em que elle vivia, e póde, vá lá! póde mesmo aventurar-se a chamar-lhe santo!

— Olhe, aqui na *Joie de vivre* este adoravel typo de virgem consciante e forte, vencendo immaculada e intemerata todas as sollicitações de Lazaro. E' Paulina! Admire aqui a virtude, a graça, a suprema abnegação e a suprema bondade d'alma! Veja como ella se deixa espoliar pela *pieuvre* de Mme. Chanteau! Veja que excesso de amor o d'ella, que vae buscar para o amado do seu coração uma mulher para esposa, só porque a ausencia d'essa mulher o põe triste! Veja com que extremos, com que requinte de abnegação e de humanidade ella insufla a vida no recém-nascido filho do homem que ella adora com uma mulher que não é ella! Veja como ella resiste á tentação da carne quando Lazaro a persegue de noite, cheia de febre, com o sangue escaldando-lhe as veias, com os olhos inchados de volupia, com os membros semi-mortos de amor! Veja que enorme sentimento do dever a faz resistir, e raspe por um instante a materia cornea da sua obtusidade para me confessar que Paulina é um monstro quasi inacreditavel de virtude!

E tambem pode chamar-lhe santa, que me não opporei a isso.

Poderia ainda mostrar-lhe o medico e o parochio da mesma obra, o « Guele d'Or » e a mãe, do *Assomoir*, o Felippe, da *Nana*; o bispo, da *Conquête de Plasans*; a Denise, do *Bonheur des dames*; os engeitados, da *Fortune des Rougons*, e muitos outros; demonstrar-lhe facilmente que o proprio Coupeau é um bom homem; que o mesmo abbaçe Mouret (que o Sr. chama — Morin), não é mau, e dizer-lhe muitas outras cousas em defeza de Zola. Mas eu considero que o grande escriptor francez não precisa da minha defeza, principalmente contra um pobre critico que se soccorre, para revalidar as suas opiniões, do *Dictionnaire de la Conversation*.

Depois d'este pequeno serviço que lhe prestei, vá-se embora e não me agradeça.

*
**

Ah! meu Santo Christo dos Milagres! muito trabalho nos dão neste mundo as bestas e as crianças!

CHICO FÉRULA

Traduções litteraes e fora da letra

·Mais uma traducção da *Evangelina!* O gracioso poema-romance de Longfellow tem sido vertido em quasi todos os idiomas cultos, sem que, entretanto, seja elle a obra prima do poeta norte-americano, aquelle onde mais caracterizado se mostre seu genio originalissimo. No *Hiawatha*, por exemplo, está mais accentuada a feição do grande cantor das mattas seculares, das tribus e costumes pittorescos dos incolas da floresta americana.

Lenda de amor, espaçada de ternura, a *Evangelina* encanta menos pelas descrições da natureza do que pelo drama intimo que se desenrola no eden da Luiziana. E, todavia, Longfellow foi denominado o poeta da natureza morta.

Varias tentativas tem sido feitas, entre nós, para verter a *Evangelina*: duas foram levadas ao cabo, as outras não passaram de ensaios.

A versão do conselheiro Doria, em versos brancos, já corre mundo; e a do Sr. Americo Lobo, em versos alexandrinos, apparece agora e d'ella é que diremos algumas palavras.

Mais paraphrastica que litteral, a traducção do Sr. Americo Lobo, satisfaz melhor como obra de arte.

A traducção litteral é esforço linguistico, mas não é uma preocupação de artista. Onde isto fica bem demonstrado é na versão *mot-à-mot* da *Eneida* por Odorico Mendes, e na paraphrase que fez o visconde de Castilho dos *Amores* de Ovidio. Nem se diga que era da indole poetica de Odorico o verso duro e arrevezado; quem escreveu o *Hymno à Tarde* sabe manejar o verso cadente, artistico, virgiliano.

Mas a pretensão de seguir o original nos seus pontos e virgulas desnatura a trasladação.

O genio da lingua em que foi escripta uma obra pôde não ser equal, na essencia, ao genio da lingua para que se quer transportal-a.

A traducção do conselheiro Doria é fidelissima, mas ella não dá a impressão esthetica da *Evangelina*. A tarca de enfileirar palavras portuguezas equivalentes ás palavras do original inglez pôde, quando muito, constituir um esforço philologico. A versão paraphrastica do Sr. Americo Lobo faz-nos conhecer melhor Longfellow; não a palavra, mas a phrase, o movimento e colorido da poesia norte-americana, a sua força e caracter; é com isso que elle nos quer familiarisar.

Elle surprehe a inspiração original, e vence aquella difficuldade que E. Pelletan reputou impossivel, quando dizia:

« Surprendre, dans ce qu'elle a de mysterieux et de profond, l'inspiration même du genie créateur, c'est entreprise singulierement périlleuse, où les plus forts risquent d'échouer, car il semble que de par sa loi essentielle, l'inspiration du genie soit insaisissable. »

Ha, sem duvida, defeitos no trabalho do Sr. Americo Lobo, e o menor d'elles não é seguramente o descuido do metro em que escreveu; mas esses senões são resgatados pela frescura das imagens, propriedade dos termos, e nitidez do desenho.

O verso alexandrino tem seu segredo, e nem todos os versificadores se acham iniciados n'elle. Além d'isso, não nos parece que seja a metrificação mais propria para a singellissima narrativa de Longfellow.

O Dr. Gentil Braga, tão cedo roubado ás letras patrias, em varios fragmentos que publicou de uma versão da *Evangelina*, seguiu o systema de estrophes irregulares com variados metros. Era

de excellente effeito. Foi pena que o traductor da *Eloah*, o poeta da *Clara Terrena* não completasse o seu trabalho.

Seja bem vindo esse do Sr. Americo Lobo, e o illustre traductor receba dos cultores de letras aquelles applausos a que fez jus com o seu formoso livro.

IGNORUS.

COCHILOS

Quandôque bonis dormitat Homerus...

HORACIO.

Inauguramos hoje esta secção sem foguetes, nem banda allemã, nem copo d'agua.

Propriamente não é uma novidade nova em folha, esta que hoje apparece.

A secção *Cochilos* vem substituir a *Revista dos Collegas*, a qual, embora pudesse interessar aos leitores porque era um resumo, um *compte-rendu* do que pensou e fez a imprensa durante a semana, roubava-nos espaço que era um Deus nos acuda; e por isso resolvemos supprimitil-a.

O facto de notar e apontar *A Semana* os cochilos dos outros não significa que tambem *A Semana* nao cochille o seu pouquinho, muito mais do que lhomem, mas muito menos do que a *Folha Nova*, Deus louvado!

O *Pachidérme* tem a *Psychologia* do famigerado *Escaravelho*, a *Gazeta de Noticias* as *Entrelinhas* do ferino *Rialto* e a *Folha Nova* os *Carôços*. Nessas secções apontam-se e debicam-se mutuamente as escorregadellas e as tolices uns dos outros, como um grupo de farrupas, mais ou menos rotos, em que uns se riem dos rasgões dos outros.

Faltava quem viesse rir-se de todos elles; quem a todos apontasse os remendos e rasgaduras e os acordasse a cada cochilo mais perigoso.

Cá estamos nós para isso.

O mais natural e mais certo é que sobrevenha um outro que faça o mesmo com *A Semana*; do que aliás não nos queixaremos.

Isto posto, começamos pela *Gazeta de Noticias* a nossa colheita de cochilos.

No seu noticiario de 10 do andante lê-se o seguinte:

« No dia 6 do corrente manifestou-se principio de incendio na torre da *sympathica* igreja de S. Benedicto, em Lorena.

Deu causa a este accidente que poderia ter graves consequencias, o querer-se destruir com fogo um enxame de abelhas *pregado* no lado interno de uma das paredes da torre. »

Ha esperanças de que em breve a igreja de S. Benedicto passe a ser *amavel*, de *sympathica* que é hoje.

Já o poeta disse:—*sympathia* é quasi amor.

E' de crer que a policia lorensense haja descoberto qual a mãe heretica que *pregou* na *sympathica* igreja aquelle enxame de abelhas.

França Junior nos seus ultimos *Echos Fluminenses*, do *Paiz*, disse entre outras as seguintes cousas espantosas:

« Os *bonds*, esses *empórios publicos* de fresco. » (Felizmente não pluralisou o fresco.)

« Para lavar o rosto é preciso que a gente se muna de *coragem*. » (E de uma bacia com agua, não é preciso?)

« Petropolis é uma *criatura* original. »

Crêdo, creatura!

A *Folha Nova*, a impagabilissima *Folha Corrida*,—como lhe chama com

grande malicia o *Savarin*, da *Revista Illustrada*,—continua a cochilar cada vez mais.

Pequeno seria todo o espaço da *Semana* para reproduzir todos os seus formidaveis cochilos. Limitamo-nos por esse motivo a remetter-lhe, com a manifestação attenciosa dos nossos cumprimentos, os seguintes mimosos cochilos encontrados na descripção que fez no dia 9 da sessão imperial de abertura das Camaras:

« Quando o Sr. Dantas sahiu houve gritos e palmas que chamaram a uma janella os Srs. Cotegipe e João Alfredo: este oliou e não se riu; aquelle não pôde suster o serio. Talvez reparasse que o Sr. Dantas ia no seu carro com um feixe de rosas-chá na mão. Ou, quem sabe? não quiz mostrar-se menos risinho do que o Sr. Dantas andava lá por dentro. »

D'O Paiz de 12:

« Com *identica mise en scène* grandiosa da *Theodora*, o Eden-Theatre de Paris vae levar a *Messalina*. »

Além de não ter senso grammatical, contém essa phrase um bello absurdo:—Como pôde a *mise en scène* da *Messalina* ser *identica* á da *Theodora*? Se assim fôsse, para vêr a *Messalina*, cujo merito consiste na *mise en scène*, não seria preciso ir ao Eden Theatre; bastaria ir vêr a peça de Sardou.

Que idiota... o director do Eden Theatre!

Do folhetim theatral do *Pachidérme do Commercio*, de quinta-feira ultima:

« Não esmagou, não senhor, e a *prova está* que vae responder-lhe um d'elles. »

Bello portuguez... de Benguella.

A *Gazeta da Tarde* cochila tambem. Não fosse ella de papel e tinta como as suas irmãs! Mas ás vezes cochila tanto, tanto, que lembra o Sr. Miranda Rego quando acompanha Sua Magestade, ou a propria Magestade quando assiste ás conferencias da Gloria.

Na *Gazeta* de 12, por exemplo, muito teriamos que respigar; mas apenas lhe apontaremos dous ou tres cochilos. Aqui vae o primeiro:

« Do nosso illustrado Mestre, o distincto republicano Sr. Dr. Pedro Ferreira Vianna recebemos a seguinte carta que vem *condecorar* as nossas columnas. »

Uma carta *condecorando* columnas—gostei!

Mas na apreciação das *Meninas Godin* é que foi cabecear!

Desconfia-se mesmo que ella foi escripta—a dormir.

Aqui vão uns pequeninos excerptos:

« Pôde-se dizer que nenhum dos actores sahiu da *linha regular de conducta*. »

Honrados e bem procedidos actores! Merecem um premio Montyon.

Mais cochilos:

« O Sr. Paiva conservou-se sempre no mesmo diapasão e *contra si não teve motivo de queixa*. » Tambem era o que faltava!

« O Sr. Marques (Prospero Malechard) não sabemos se realmente é fraco como o personagem. Se não é, fez a cousa direito. »

« A Sra. Balbina (viuva Malechard), deu o *maior calor* ao seu papel. Aprezentou-se esplendidamente. »

Mais outro, para acabar:

« As Sras. Helena, Jacintha e Livia (as 3 Godin) *souberam onde tinham o nariz*. Cada qual tratou de *sahir-se* o melhor possivel, principalmente a Sra. Helena. »

Parabens cordealissimos ás Sras. Helena, Jacinthia e Livia por haverem sabido onde tinham o nariz. Não podemos, entretanto, negar que, por mera e natural curiosidade, muito descejariamos vê-las em peça em que não soubessem onde tinham o nariz.

Devêra ser curioso! muito curioso!...

O desafinado *Violino da Folha Nova*, calunhiou hontem o pobre e immortal Camões, attribuindo-lhe o seguinte verso, que tomou para epygraphie das suas rabecadas

« Quando uma novom que os ares escurece ... »

Não calunnie os mortos, *Violino*.

Já não lhe bastam os vivos?

Engula o *quando* e endireite o verso.

E para outra vez não cochile tanto.

DOMINO' PRETO.

PEZAR

Ao meu filhinho

Eu te sonhei assim! Por noites bellas
Enluaradas o tremulas, teu rosto
Sobre nuvens de prata e arminho posto
Muitas vezes eu vi, vendo as estrellas.

Eu te sonhei assim! Vi-te nas telas
De Buonarotti, tendo por encosto
Uma nesga de céu brunião, exposto
A mais singela luz das mais singelas!

Antes toda a existencia atravessasse
A ver-te em sonhos bello e pequenino.
Que hoje beijar assim teus pés e face.

Antes l porque é pezar que não se acalma—
Sentir minh'alma dentro de tu'alma
E não saber, meu filho, o teu destino!...

1885.

ALFREDO DE SOUZA.

THEATROS

SANT'ANNA

A Cocota

A *Revista* do anno passado, escripta por Arthur Azevedo e Moreira Sampaio, parece-nos muito melhor do que *OMandarim* dos mesmos auctores mas não nos parece que chegue a alcançar o mesmo exito, porque para isso faltam-lhe dois elementos poderosos: o escandalo e os typos conhecidos.

Como obra dramatica, como comedia achamos-lhe merito de sobra para composições de tal genero, onde a concatenação e o desenvolvimento natural do enredo não são de grande necessidade. O elemento principal das *revistas*, o seu pittoresco especial e attrahente são as caracterisações. Ora, não sabemos se por exigencias da policia, se por pouca vontade dos artistas, este falha quasi completamente na *Cocota*. Apenas reconhecemos no Sr. Lisboa um bom Castro (*Urso*, infelizmente, e não *Escaravelho*), no Sr. Mattos um gerente da companhia do Gaz e no Sr. Santos Silva um primo de certo jurisconsulto ex-candidato a deputado, que fazia *meetings* em todas as praças da cidade antes da eleição para a actual legislatura.

O Sr. Vasques parece que teve intenção de se fazer *Martinho*, mas por falta de pernas e de pescoço não poudo conseguil-o embora não lhe faltassem orelhas, traço muito caracteristico da phisionomia tanto physica como moral dos palinuros rabelaisianos de Cebollas e outras aphodilaceas adjacentes.

No grupo dos jornalistas, onde tanto se podia fazer, não appareceu um unico typo, fazendo assim os auctores, ou a empresa com que C. de L. cantasse vi-

etoria pela batalha ferida por occasião do *Mandarim*.

Resente-se tambem muito a *Cocota* da falta do caso Malta que foi no anno passado um dos que mais impressionaram a população. Isto, porém, deve ter sido devido á policia ou ao receio que os auctores deveriam ter de perder o seu trabalho caso se tratasse do caso, pois que as autoridades não consentiriam a representação da peça.

Todavia, a revista deve agradar porque tem muito bons ditos, dáos mesmo de fino espirito, sal pouco grosso, embora este não seja o que mais convem ao tempo de peças burlescas. Os acontecimentos são todos tratados pela rama, á superficie; os ridiculos sómente esborcinados, e as personagens reaes que nella figuram allusivamente, são apenas arranhados á flor da epiderme, antes picados por um alfinete do que feridos a chuço e a pampilho.

A encenação é muito boa, sobretudo o final do primeiro acto, o do terceiro e a apothese final.

Parabens aos auctores.

RECREIO DRAMATICO

As meninas Godin

A empresa do Recreio deu-nos quarta feira esta deliciosa comedia em 3 actos, de Mauricio Ordonneau, traducção do Sr. José do Patrocínio.

Esta comedia, pertence, como as *Tres mulheres para um marido*, a um genero novo, que está apparecendo agora no theatro francez, e que se baseia todo em complicações intrincadissimas de enredo, em situações extravagantes, imprevistas e engraçadissimas.

Papá Godin, tendo feito uma viagem á America para desenvolver o seu commercio de rollas de cortiça e solas anti-rheumaticas, apaixonou-se lá por uma americana excentrica, que promete casar-se com elle se elle fór celibatario.

Godin, com medo de perder a fatia, diz-lhe que é effectivamente celibatario e Miss Fanny acompanha-o á França. Mas, indo um dia á casa do seu noivo, encontrou se com a filha mais velha d'este, a poetisa e *caixa* da casa, Mlle. Celeste. Espanto da Miss e desculpa atrapalhada de Godin, que então se declara viuvo e diz que Celeste é filha unica e está para casar por aquelles dias. A americana conforma-se e pouco depois entra a Sra. Malechard que vem pedir a mão de Celeste para seu filho Prospero, secretario do commissariado de policia, e a quem Fanny declara que a donzella pedida e filha unica, o que sobremaneira agrada a Mme. Malechard. Em seguida vão apparecendo os outros dous pretendentes ás outras duas meninas Godin, ficando cada qual persuadido que vae casar com a filha unica do Sr. Godin. E' sobre esta base que está edificada toda a comedia, dando lugar ás situações mais comicas e mais inesperadas, condimentada ainda por diversos episodios de inexcédível graça, como em todo o segundo acto, magnificamente urdido, tendo por episodio central a diligencia policial executada por Mme. Malechard em casa de Miss Faunty, onde consta que se introduzira um gatuno e onde são apanhados pela terrivel Le Cocq, como suspeitos, os dous maridos das meninas Godin.

O successo de desempenho coube incontestavelmente ao Sr. Bernardo Lisboa (Rebiffé), que até agora apenas tinha assignalado a sua presença no theatro pelos desastres mais lastimaveis e mais completos. Folgamos muito em poder dizer hoje a este actor que elle encontrou afinal um papel em que pode agradar completa e francamente aos que mais exigem dos artistas sem educação nem orientação dos nossos pobres

theatros. O typo apresentado pelo Sr. Lisboa é felicissimo. Soube caracterisar-se, soube vestir-se, soube dizer e soube andar e gesticular de accordo com o seu personagem.

Aquella gagueira constante mas sobria, sem a exaggeração em que costumam cahir os actores que imitam gagos, aquelle esforço de puxar a esticões de musculos as vogaes falladas, e de um effeito extremamente comico.

Os nossos applausos, pois, sem restricções ao actor Lisboa.

O Sr. Maia não nos pareceu tão feliz no papel de Godin. Foi o mesmo tio Duborhard das *Tres mulheres*, com uma singular monotonia na expressão, os mesmos gestos e os mesmos geitos.

A Sra. Helena deu-nos uma Celeste muito rasoavel, pouco ingenua mas muito graciosa nos arroubos poeticos e sublinhando muito bem as tolices dos tropes.

A Sra. Balbina resgatou-se de muitos peccados velhos com o vigor que deu á tagarellice de Mme. Malechard.

O Sr. Domingos, comquanto podesse fazer muito mais no typo de Juglar, foi regularmente e mesmo feliz em algumas scenas.

O Sr. Castro não fez nada de novo no seu visconde de Estrapade, mas podese ver, porque tambem não fez nada de máu.

O Sr. Paiva foi um excellente Serafini, muito natural, e dizendo com muitissima graça o seu pequeno papel, não desmerecendo dos seus antigos creditos de bom artista, embora estivesse muitos annos afastado da arte.

As Sras. Bertha, Livia e Jacinthia, fizeram regularmente os seus papeis, sem novidade mas tambem sem escandalo.

A comedia está bem montada e bem ensaiada. Os scenarios do segundo e terceiro actos são bem pintados e de agradável effeito.

A traducção é em geral muito boa, sendo quasi sempre correcta a linguagem e naturaes as phrases.

Póde-se dizer que as *Meninas Godin* são um successo franco e que hão de ter longa vida na scena da Recreio Dramatico.

*

*

O *Castrato da Policia* deve subir á scena do Lucinda na proxima quinta-feira em beneficio da actriz Apollonia.

*

*

A actriz Manarezzi fez beneficio segunda-feira no Polytheama, com um espectáculo variado, começando pela comedia *As Cerejas*, já conhecida do publico com o titulo *Mosquitos por cordas*, e que d'esta vez foi detestavelmente representada.

Nem o actor Bellido, que entrou e começou bem, no primeiro acto, poudo escapar ao naufragio geral da peça, que, entretanto, tem elementos para agradar muito.

O melhor do espectáculo foi o intermedio de cançonetas, tirante a que foi grunhida por Mlle. Suzanna, que só um enorme desprezo do publico póde admitir em scena, e que só o maior impudor artistico póde permittir n'um theatro.

Mattos, Malta ou Matta?

NOVAS REVELAÇÕES

OITAVA CARTA

« Sr. redactor:

O singular homem, que eu tinha de frente dos olhos, narrou-me do seguinte modo o facto da sua prisão em companhia de minha sogra.

« Um anno depois que eu me relacionara com essa velhusca sublime, cuja forma o protector acaso ou Providencia, escolhera para vir ao meu soccorro, achei-me com ella, a Providencia, passeando no pequeno jardim que existe defronte da estação de Pedro II, quando um carregador me perguntou :

— Que faziamos alli.

— « Creio que vou tomar um calix de vermuth, respondi eu. Porque?

— « Nada, resmungou o carregador. E' cá uma coisa!

E afastou-se.

« Poucos minutos depois, saboreava o meu vermuth ao lado da velha providencia, quando um urbano se aproximou de nós e perguntou como eu me chamava.

— « João Alberto Castro Matta, disse eu.

— « E esta senhora? interrogou o urbano.

— « D. Leonarda da Conceição Meloso.

« Pois queiram acompanhar-nos.

— « Para que?

— « Saberá na estação.

— « A velhusca ao receber esta ordem perdeu os sentidos e eu, que não me alterei, puz-me a rir nas barbas do urbano.

— « Voce está se rindo de mim? perguntou-me este.

— « Assim o creio, affirmei, soltando uma gargalhada.

— « O urbano puchou pelo refie e ia dardejando sobre a minha cabeça, quando de um salto lhe tomei a arma das mãos, arrojando-a para longe e investindo de cabeçadas contra o aggressor. fl-o cahir dentro de um tanque do jardim.

« Em seguida, despejei o meu calice de vermuth sobre a testa de D. Leonarda, chamei um carro, metti-me com ella dentro e mandei tocar para casa.

— « Mas o conflicto com o urbano havia attrahido muita gente e em breve era o meu carro escoltado por uma porção de soldados. De sorte que, ao chegarmos, eu e a minha velhusca, á rua da *Misericordia*, um morecego abriu-me violentamente a portinhola da sege e intimou-me a que me rendesse no mesmo instante á prisão.

— « Bem, respondi, irei. Tanto se me dá ser preso, como não ser. Mas, peço-lhes que me deixem ao menos acompanhar primeiro esta senhora a sua casa.

« Nada! Bradou um sujeito, com ares de autoridade, o qual acabava de surgir defronte de mim:—Nada! Sua cumplice irá tambem. Sigam!

« E, gritando para um praça:— Não os larguem e levem-n'os quanto antes á estação.

« Fomos os dous conduzidos á presença de uma nova autoridade, e, acto continuo, mandaram-nos para a casa de correção, onde nos engaiolaram em celulas separadas.

« Eis ali, como fui preso. Depois so-breveio-me uma especie de desfallecimento nervoso, do qual só tornei a mim, na capella do cemiterio, n'aquella triste situação que já o amigo conhece perfeitamente.»

Sr. redactor, á vista d'esta declaração do resuscitado, conclui que a Jeannite, dando as providencias para que o amante e mais a sua miseravel cumplice fossem apanhados pela policia, tinha motivado esse ridiculo engano.

Calculei que, em vez da filha, tivessem prendido a mãe e, em vez do amante de minha mulher, tivessem prendido o amante de minha sogra.

E assim foi. Notando-se, porém, que a terrivel Jeannite tanta gente poz na pista dos perseguidos e tantas providencias deu para os apanhar, que, na occasião em que um Castro Malta era recolhido á casa de detenção com uma mulher; outro já lá estava com outra.

Os empregados da casa, segundo deduzo do que lhes ouvi no dia do singular enterro, não se achavam muito a par da verdade e, tanto assim, que uns me diziam que o Castro Matta ou Malta havia seguido moribundo para a Santa Casa da Misericordia, e outros affirmavam que o legitimo Castro Malta estava engallado na Detenção.

Perplexo com as novas revelações do resuscitado, deliberei esclarecer por uma vez os acontecimentos e, no dia seguinte á minha conversa com elle, atirei-me de novo para a Casa de Correção.

-- Então? perguntei ao empregado que já me havia fornecido as primeiras informações,—que noticias me dá o senhor do Castro Malta?

— O Castro Malta, respondeu-me o empregado, enterrou-se hoje pela manhã no Cemiterio de S. Francisco Xavier. A prisão d'esse vagabundo, a quem Deus haja, motivou tambem a injusta prisão de um innocente que, hontem mesmo, mal se verificou o engano, foi posto em liberdade com uma rapariga que o acompanhava; ficando uma velhusca que viera com o que falleceu.

— Bonito! disse eu. Os senhores podem limpar as mãos á parede!

— Porque?

— Porque fizeram asneira! Porque soltaram o legitimo Castro Malta e a legitima cumplice do Castro, e ficaram ahi com uma pobre desmiolada, que nada tem com o negocio!

— Como?! Explique-se!

— Ora! Fizeram-na bonita! A mulher que os senhores soltaram é minha esposa, é a legitima amante do legitimo Castro Malta; a outra, coitada! é minha sogra, uma douda, cujo crime unico foi metter-se com um bohemio que a estas horas deve ainda estar deitado em minha cama, a digerir uma ceia que lhe dei hontem.

— Perdão! volveu o empregado policial—Perdão! O Sr. não póde ter em casa o amante da velhusca que ainda cá está presa, porque esse desgraçado foi d'aqui muito mal para a misericordia, morreu, e enterrou-se hoje pela manhã.

— Engana-se, quem se enterrou foi o verdadeiro Castro Malta, o amante de minha mulher, aquelle que fôra para aqui recolhido com uma rapariga morena, de olhos pretos e cabellos lisos, isto é com minha esposa! Ora essa!

— Pois eu lhe vou mostrar o que prova que o homem da velhusca morreu e está enterrado na sepultura n'.... Ora espere! Posso até lhe dizer o numero da sepultura...

— E' inutil, observei—E' inutil. Sei donde parte o seu engano e receio, tentando exclarecel-o, tornar mais embrulhada toda esta historia.

— Não! Se ha novos enganos, convem pol-os a limpo. Falle, falle por quem é, meu amigo.

— Pois então saiba que o sujeito, que foi na qualidade de defunto para o cemiterio de S. Francisco, não era um cadaver.

— Como assim?

— Estava perfeitamente vivo.

— Impossivel! Pois se elle foi enterrado hoje, as nove horas da manhã, e aqui estão os documentos.

— Não foi a elle que enterraram. Foi ao outro.

— Que outro?

— O tal Castro Malta, aquelle que um dia antes fôra solto com a mulher que o acompanhava.

— Mas, como?

— Muito facilmente.

E eu contei ao empregado da Casa de Correção o que assisti no cemiterio.

— Jesus! exclamou elle depois. Que trapalhada, minha Nossa Senhora! Que trapalhada! Como diabo agora poderemos sahir d'esta?...

— E' exacto! confirmei. O negocio está mal parado!

— Quer saber de uma cousa? acrescentou o empregado. Faça-me um obscuro—não toque n'isto á pessoa alguma. Finja que não sabe de nada! Se não se der uma palavra sobre o caso, ninguem descobrirá a verdade e a historia cahirá no esquecimento! Que importa um Castro Malta de menos ou de mais? Se não está enterrado o verdadeiro, foi alguem enterrado por elle. Tanto valem seis como meia duzia! Ao passo que, se formos a mexer nessa embrulhada, a cousa pode complicar-se cada vez mais e redundar em prejuizo de todos nós. Promette que não dará uma palavra sobre isso?

— Prometto.

— Bem. Nesse caso vou fallar ao chefe para pôr na rua a velhusca, e fica terminada a questão.

Coitado! Mal sabia elle que então é que ella, a questão, ia deveras principiar!

Minha sogra, logo que se pilhou solta, jurou que havia de vingar-se d'aquella maldita policia, que, sem mais nem menos, lhe arrancára dos braços o homem amado e, segundo ella suppunha, mandaram-n'o para a Misericordia e d'ahi para o cemiterio, — morto.

« — Ah! Isto não ha de ficar assim! bradava D. Leonarda, quando me encontrou por acaso na rua. Isto não ha de ficar assim! Pois então prende-se a gente d'este modo, e d'este modo se dá cabo de um homem! A quem me hei de dirigir sei eu! Tenho alguns conhecidos na imprensa, graças a Deus! E meu compadre Quintino ha de mostrar-lhes de quantos paus se faz uma canoa! Hão de ver o bom e o bonito! Sucia de trapalhões!

E, como verificará V. S. pela seguinte carta, não era de balde que o demonio da velha dizia aquillo.

Sou de V. S.

Att*. cr* e ven**.

...

TRATOS A' BOLA

Os revisores cá de casa entenderam que os *Tratos* são uma cousa de pouco mais ou menos; e talvez por isso, no nosso numero passado comeram uma syllaba da charada—antiga; o que tem trazido em papos de aranha quasi todos os nossos decifradores.

E' um inferno! Ah, revisores! revisores! podesse um só jornal contel-os todos e o redactor fosse eu...

Então vocês pensam que em uma charada, que além de tudo é difficil como o diabo, pode-se marcar uma syllaba de menos ou de mais?

Estão enganados. Vocês como nunca metteram o dente nos *Tratos*, entendem, quem sabe! rir á custa dos nossos charadistas. Se fizeram isto de proposito não repitam, que é uma pilheria de mau gosto; ouviram?

Muito bem.

Assim mesmo houve um Sr. *Figaro*, que alem de acertar com todas as decifrações dos *Tratos*, adivinhou,—sim por que isto é adivinhar—, a tal charada, dizendo... o que [nós lhes diremos no sabhado proximo.

Ao Sr. *Figaro*, compete o *Figaro Ilustrado*. Quanto ao segundo e terceiro premios serão para quem nos mandar agora novas decifrações exactas.

Eil-a, a maldita charada:

Nada mais sou do que um ente—1

Nada mais sou do que o tempo—2

Nada, nada, nada sou.

Continuam pois á disposição dos Srs. charadistas os mesmos *Tratos* do nosso

n. 10 com a antiga rectificada. Ainda ha dous premios a disputar.
E até sabbado.

D. PASTEL.

P. S.—D. Pastel agradece aos Srs. J. P. de Idalema, D. Confeito, Catharinense e Delius as charadas e outras novidades que lhe remetteram, e desde já lhes garante gratidão eterna... por duas semanas.

D. P.

CARTAS SERTANEJAS

I

« Me, me, adsum qui feci;
in me convertite ferrum. »

VIRGILIUS, *Aeneidos* Lib. IX, vers. 426.

Subordinados á epigraphe — CARTAS SERTANEJAS — enceto hoje uma serie de artigos.

O *Diario Mercantil* que os publica não é solidario commigo nas opiniões a manifestar, nos juizos a emittir.

A responsabilidade legal e moral de tudo que em taes artigos apparecer será toda minha, sómente minha, exclusivamente minha.

Carregado com este onus quero tambem toda a liberdade de movimento: sem ultrapassar as raías do decente e do honesto, não guardarei conveniencias, não me imporei restricções. Si assim me aprouver, irei até ao paradoxo, chegarei até ao absurdo.

Com a franqueza rude que me caracteriza, hei de dizer sem reboço o que penso das cousas e dos homens. Sei que em muitos particulares vou desagradar a muita gente; sei que se ha de desencadear contra mim muito odio pequenino... Não me importa.

Desde já conto com injurias e calumnias, e tambem desde já as despreso.

Não tenho programma, não tenho asumpto determinado. Tratarei um dia de litteratura, outro de politica, outro de sciencia, outro... daquillo a que me levar o meu estado de espirito.

Não me considero escravisado a cousa alguma: roçar de leve ou exaurir um assumpto, repisar-me, interromper-me, responder ou não responder a contestações, tudo isso fica ao grado de minha plantasia, de minha alta recreação.

Escrevo para satisfazer a minha propria actividade, e não para agradar ao publico. Se achar quem pense como eu penso, muito bem: terei companheiro. Se não, ficarei só. Não ha nisso mal: de ha muito habituei-me a não contar com os favores da opinião, e a procurar em mim proprio a approvação dos meus actos.

Agora uma declaração preliminar, quicá desnecessaria: não tenho religião e não tenho partido. Sou atheu e sou republicano intransigente.

Capivary, 28 de Fevereiro de 1885.

JULIO RIBEIRO.

ESCARAVELHO

Sob este titulo encontramos na *Gazeta de Piracicaba* de 8 do corrente a seguinte noticia:

« Vae ser julgado brevemente em Mirandella José Joaquim de Souza, coveiro de Val de Gouvinhas, accusado de ter atravessado com um ferro o caixão e o cadaver de José Verdello, de Valbom Pitez, na occasião em que o enterrava.

Os dois tiveram em tempo algumas desavenças, mas ninguem julgava que o coveiro tivesse tão máus figados. Quando elle commetteu o delicto, exclamou cheio de rancor:

— Ah! ladrão! Já que não pude vingar-me de ti enquanto vivo, has de pagar-me depois de morto.

E' conhecido por *Escaravelho*, odiabolo!

CONSULTAS

Consulta litteraria

Sobre a que nos foi feita por L. M. e a que respondemos em o nosso numero 6. envia-nos alguém (sem A.) os seguintes esclarecimentos, que agradecemos:

« Peço licença á redacção d'A *Semana* para dizer alguma cousa sobre a consulta litteraria. *Étincelle*, *Vicente de Léovie* e *Pascaline* são uma e a mesma pessoa: Madame de Peyranni; *Étincelle* no *Figaro*, *Pascaline* na *Vie parisienne*. *Jean de Paris*, que a redacção d'A *Semana* diz encobrir um grupo, e, segundo uma informação talvez atrazada. Theodore de Grave. Este pseudonymo tem sido adoptado por outros escriptores.

As indicações supra foram colhidas num jornal de Pariz: *L'Illustration*, ns. de 23 de Setembro e de 7 de Outubro de 1882; *Les Pseudonymes du Jour*. Ch. Joliet.—*Paris* é Émile Blavet, secretario geral da Opera e auctor da *Voyage au Caucase*, actualmente em scena no theatro *Renaissance*. »

Recebemos:

— « Eclecticas », poesias de Mariano Augusto. (Recife—1884). Foi com vista ao encarregado da secção *Poesia e poetas*.

— « O elemento escravo e as questões economicas no Brazil », por *Cincinatus*, (Bahia—1885).

— *Revista Illustrada*, n. 401. Engracadas caricaturas sobre questões episcopaes, politicas e policiaes. No texto um gracioso e alfinetado « Pic-nic da imprensa » e uma noticia muito amavel do n. 10 d'A *Semana*. Obrigadissima, collega.

— « Estrada de ferro de Cantagallo e ramal do Rio Bonito », por Manuel Gomes de Oliveira, concessionario comprador da mesma estrada. Consta de um *memorandum* á Assembléa Provincial, protesto, documentos e pareceres de juriconsultos sobre esta grave e importante questão.

— Appellação commercial n. 5090. Appellante o capitão Manuel Braz de Souza Arruda, appellado Alfredo Coelho da Rocha.

— Dois cartões de convite e ingresso para a *Matinée musicale* em favor da Imperial Sociedade Amante da Instrucção. O logar e a hora serão opportunamente annunciados. Agradecemos e prometemos não faltar.

— *União Medica* n. 2 dirigida pelos Drs. Moncorvo e Silva Araujo.

— Do Sr. B. L. Garnier os *Mystérios da Tijuca*, romance já conhecido, e de authoria do nosso companheiro Aluizio Azevedo.

— *A Distracção*; n. 21. Muito leve, muito graciosa e muito interessante.

— *Os Palmares*; romance nacional historico por Jorge Velho. Edictores Laemmert & C. Vamos lê-lo; e depois fallaremos.

Do popular editor Serafim Alves os seguintes livros:

— Pontos de Philophia pelo programma de 1885; por...

— Lições de Geographia pelo programma de 1885. Ambos estes volumes pertencem á collecção *A Escola* e destinam-se aos exames geraes de preparatorios.

— *A Violeta*; n. 1 (segunda época), órgão, dedicado ao bello sexo. Que lhe agrade é o que lhe desejamos.

— *A Illustração*; 2º anno, n. 3. Magnifica. Estão esgotados os adjectivos encomiasticos, Magnifico, esplendido, admiravel, soberbo—tudo isso é pouco para exprimir o que vale e o que é a

revista dirigida por Mariano Pina. Este numero traz entre outras excellentes gravuras a reproducção da deliciosa fantazia de Avril:—*Durante o carnaval*, devida ao buril delicadissimo de Baudouin. No texto, alem de uma chronica de Mariano Pina e de um artigo critico de Jayme de Segnier sobre o poemeto modernissimo de Antonio Feijó—*A janella do Occidente*, encontram dous sonetos de Alberto de Oliveira e de Sylvestre de Lima.

Do collegio Menezes Vieira, em commemoração ao primeiro decennio de sua fundação, realisado no dia 27 de Fevereiro:

— *A Familia*; n. 4, publicado em homenagem ao Dr. Menezes Vieira pelos professores e alumnos do seu collegio. A primeira pagina vem adornada com um fino e bem acabado retrato do illustrado e sympathico educador e nas outras figuram escriptos em prosa e verso de alumnos, professores e amigos, em elogio e homenagem do creador do *Jardim da infancia*. E' uma justa e merecida manifestação de apreço, a que *A Semana* junta de boamente os seus applausos; *O Collegio Menezes Vieira na Exposição Pedagogica do Rio de Janeiro*, por Felix Ferreira. Acompanha este elegante livrinho uma reproducção photographica do aspecto da sala em que estiveram expostos os trabalhos dos alumnos das officinas.

— *O Mequetrefe*; n. 367. Bons desenhos; texto engracado.

— Da pharmacia Granado & C., vinte e cinco calendarios-annuncios, em cartão, para a algibeira.

A kermesse, jornal commemorativo da associação dos empregados do commercio do Rio de Janeiro. E' um soberbo ramalhete de phares—com e sem pensamento devidas ás mais conhecidas e estimadas pennas do jornalismo fluminense.

Este jornal é um bello ornamento da esplendida festa de caridade realisada no Polytheama. Muito bem.

— *A Vespa*, n. 9. Espirituosos desenhos, em que o estimavel artista Pereira Netto se nos vai revellando um *crayonnista* de brilhantissimo futuro. A ultima pagina, apothecose a Lemaitre e João Caetano, a proposito do *Palhaço* faz honra ao seu lapis; com especialidade o retrato do immortal artista francez. Parabens ao Netto e á *Vespa*.

CORREIO

— Sr. João Ribeiro. Seus versos são sempre recebidos com especial agrado. *Luz et umbra* apparecerá na primeira oportunidade.

— Sr. Camillo de Assis. O seu soneto *A Sultana*, depois da limadura, que lhe deu, a nosso conselho, volta-nos correcto e gracioso. Será publicado na primeira occasião.

FACTOS DIVERSOS

Chegou do norte e tenciona demorar-se algum tempo no Rio de Janeiro o Sr. Dr. Raymundo Filgueiras, distincto violinista e homem de lettras.

O estimavel pintor Firmino Monteiro, fez mais uma exposição dos seus quadros, na galeria de Wilde. Ha muitos novos, quasi todos de payzagens e em que se revella o augmento das aptidões artisticas do Sr. Monteiro.

O auctor parté brevemente para Pariz, onde deve demorar-se de um a dois annos no aperfeçoamento e nos estudos novos da sua arte.

Felicitamolo.

A galeria De Wilde é á rua Sete de Setembro n. 102.

A Semana

Accepta annuncios nas seguintes condicções:

Nas ultimas paginas, na secção propria. a 2s cada um dos quadrinhos. Intercalados no texto, entre os artigos de redacção, 500 réis a linha. Em logar especial, de inevitavel leitura, 1s a linha.

EVANGELINA

POEMA

DE

H. LONGFELOW

TRADUÇÃO DE

AMERICO LOBO

Vende-se nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert e Serafim Alves e no escriptorio desta folha, a

2\$000 o exemplar



“A SEMANA” --- 100 RS. DELICIOSO TANGO

COMPOSTO E OFFERECIDO POR

Ernesto de Souza

conhecido auctor do tango **Setim**, e de outras applaudidas musicas, á redacção d'**A Semana**.

Vende-se no escriptorio desta folha, a

1\$000

LIVROS BARATISSIMOS

65 E 67 RUA DE S. JOSÉ 65 E 67

Trovas modernas

pelo poeta lyrico Mathias de Carvalho, 1 vol. proprio para substituir relógio, 500 rs.; Lyra do Trovador, recente collecção de modinhas, recitativos, lundús, etc., 2 tomos brochados n'um, 500 rs.; Serenatas, comprehendendo modinhas brasileiras e portuguezas, 500 rs.; Sorpresa poetica, novo genero de recitativos, 100 rs.; Judia e Parodia, por Thomaz Ribeiro, 200 rs.; O supplicado, bella collecção de quadrinhas organizada para os amantes das ditas, 500 rs.; Obras completas de Casimiro de Abreu, enriquecidas com treze ineditos, unica edição completa, 1 vol. de 260 pags. 1s; O Sorriso, a maior collecção de modinhas que se tem publicado no idioma vernaculo a qual abrange 3 collossaes vols., dedicada ás senhoras brasileiras, 3s; Horas Vagas, novo genero de modinhas, pelo eminente escriptor Frederico Duque Estrada Meyer, 400 rs.; (não ha mais barato); Os ciumes do bardo, obra escripta para instrucção dos casaes, pelo cego poeta Antonio Feliciano de Castilho, 200 rs.; A liberdade, por Pinheiro Chagas, 200 rs.; As vozes d'Africa e o Navio negreiro, por Castro Alves, 200 rs.; Camões e o Jáu, por Casimiro de Abreu, 200 rs.; Os escravos e a Cachoeira de Paulo Affonso, por Castro Alves, 1s; A morte de D. João, notavel poema de Guerra Junqueiro, 1s500; A vida de seu Juca, parodia á morte de D. João, pelo escriptor da moda Valentim Magalhães, 1 gr. vol. 1s000.

Muitas poesias importantes tem a mesma livraria, 65 e 67 rua de S. José.

RESTAURANT VOLTAIRE

29 Rua da Uruguayana 29

Almoço \$800

Jantar 1\$000

SERVIÇO ASSEIADO E PROFUSO

Parece incrivel que por tão modestos preços se possa comer tão bem! Pois venha verificá-lo, quem duvidar, á

29 RUA DA URUGUAYANA 29

RESTAURANT VOLTAIRE

LIVROS NOVOS

Acceptam-se neste escriptorio assignaturas para os seguintes livros, que proximamente virão a lume:

SONETOS E POEMAS

um volume de 200 paginas, por Alberto de Oliveira.

SONETOS DE TODA A COR

um volume de cerca de 200 paginas, por Henrique de Magalhães, com uma introducção do grande poeta brasileiro Luiz DELFINO.

AURORAS

poesias de Alfredo de Souza.

O preço de assignatura para qualquer d'esses livros é de

2\$000

AQUARELLAS

versos de Filinto de Almeida. — 3s000.

QUATRO POEMAS

POR

LUIZ MURAT

1\$000